

A DESIDEALIZAÇÃO DA PERSONAGEM ROMÂNTICA FEMININA EM CAMILO CASTELO BRANCO E JOSÉ DE ALENCAR

Gustavo de Mello Sá Carvalho RIBEIRO*
Maria Eduarda SENIBALDI**

- **RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar pontos de contato entre as obras *A neta do arcebispo*, publicada por Camilo Castelo Branco em 1860 e *Lucíola*, publicada por José de Alencar em 1862, verificando o modo de construção de personagens femininas fortes e fora do padrão do romantismo e da sociedade do século XIX. Liberata, de Camilo Castelo Branco e Lúcia, de José de Alencar, são apresentadas como prostitutas ambientadas respectivamente em Lisboa e no Rio de Janeiro. Ambas vão contra a idealização romântica do feminino, sendo descritas como donas de suas vontades e, apesar da marginalização sofrida pela posição social, estabelecendo os próprios princípios e moral de vida. Para tal leitura comparativa, tomamos como embasamento teórico: a) estudos sobre literatura comparada, como *A literatura comparada*, de Tânia Carvalhal (2006); b) textos críticos sobre os autores e seus lugares na história literária de Brasil e Portugal, a partir da *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2006) e da *História da literatura portuguesa*, de António Saraiva e Óscar Lopes (1982); c) leituras que nos permitem refletir sobre a construção das personagens femininas, como *A personagem do romance*, de Antonio Candido (2007) e *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (2012).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Camilo Castelo Branco. José de Alencar. Desidealização. Personagem Romântica.

Introdução

A construção de personagens femininas no romance português e brasileiro passou por transformações ao longo do tempo, refletindo as visões e valores sociais de

* Professor assistente doutor no Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da FCLAr/UNESP – Araraquara-SP. 14800-700 – mello.sa@unesp.br

** Mestranda no PPG em Estudos Literários pela FCLAr/UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – m.senibaldi@unesp.br

cada época. Nas primeiras narrativas românticas, as mulheres eram frequentemente representadas de forma estereotipada, limitadas a papéis tradicionais como esposas, mães e donas de casa, submissas aos protagonistas masculinos. Há que se lembrar ainda que, de um modo geral, o romance romântico era direcionado para o público feminino, visto como afeito à ideia de evasão e idealização, de forma que a narrativa também podia ser usada como instrumento de controle, ao representar as mulheres em papéis submissos e desejáveis para a sociedade patriarcal.

Em *O romantismo no Brasil*, Antonio Candido (2002, p.39-40) tem uma visão acerca desse período literário nacional que podemos, *mutatis mutandis*, estender a Portugal:

O romantismo brasileiro foi inicialmente (e continuou sendo em parte até o fim) sobretudo nacionalismo. E nacionalismo foi, antes de mais nada, escrever sobre coisas locais. Daí a importância da narrativa ficcional em prosa, maneira mais acessível e atual de apresentar a realidade, oferecendo ao leitor maior dose de verossimilhança e, com isso, aproximando o texto da sua experiência pessoal.

É claro que há diferenças entre o nacionalismo brasileiro e o português. Aqui, a grande preocupação seria, a princípio, a de construir uma noção de nação no momento pós-Independência que desse conta de representar e pensar um Brasil ideal e autônomo após mais de trezentos anos de colonização lusitana. Já em Portugal, o nacionalismo, além de visar fortalecer o estado burguês, na esteira do que acontecia em outras literaturas europeias, voltando-se para os feitos locais na idade média, tinha também ganas de repensar o lugar do país na história universal, após ‘perder’ sua principal colônia e tomar consciência do estado decadente e ‘atrasado’ em que o Estado se encontrava – consciência representada, magistral e ironicamente, na obra-prima de Almeida Garrett (2012), *Viagens na minha terra*.

Ao longo dos anos, houve também uma evolução na maneira como as mulheres foram representadas na literatura. Essa transformação reflete a busca de uma representação mais realista e empoderada das mulheres, destacando suas experiências individuais, desafios e conquistas.

Em Portugal, temos o caso de Camilo Castelo Branco, um dos grandes escritores do romantismo no país e que acabou inspirando a literatura brasileira. Sua obra, marcada pela intensidade emocional e pela verve narrativa, constrói conflitos e dilemas humanos, especialmente no que diz respeito às relações amorosas e aos embates sociais. Através de personagens complexos e envolventes, como Liberata em *A neta do arcediogo* (1860), Camilo Castelo Branco conquista o leitor com sua prosa vigorosa e sua capacidade de explorar os sentimentos profundos da alma humana.

No Brasil, José de Alencar, um dos principais expoentes do romantismo, foi um autor versátil e inovador. Sua obra, que abrange romances indianistas, urbanos e

regionalistas, apresenta uma rica representação da diversidade cultural do Brasil, de acordo com os moldes idealistas da época. Com linguagem vívida e descritiva, José de Alencar transporta o leitor para cenários exuberantes e personagens cativantes. Em *Lucíola*, vemos, por exemplo, os conflitos morais e as paixões arrebatadoras da protagonista, através de uma narrativa envolvente que reflete as contradições sociais e afetivas do período.

Tanto Camilo Castelo Branco quanto José de Alencar abriram caminho para uma nova forma de representar as mulheres na literatura, contribuindo para a valorização da voz feminina e para a quebra de estereótipos. Suas obras continuam sendo estudadas e apreciadas até os dias de hoje, explorando a diversidade e a complexidade das experiências femininas. Para além disso, os autores abordaram questões sociais e políticas relevantes para suas respectivas épocas. Castelo Branco representou a decadência da aristocracia portuguesa e a luta das classes sociais mais baixas, enquanto Alencar explorou temas como a formação da identidade nacional brasileira e as tensões entre indígenas, colonizadores e escravizados. Suas obras transcenderam as fronteiras literárias, deixando um legado duradouro na história e cultura de seus países.

Liberata e Lúcia são exemplos marcantes de mulheres que desafiaram as convenções sociais e românticas. Elas se destacam pela força, inteligência e independência, rompendo com idealizações tradicionais de fragilidade e submissão feminina. Através de suas narrativas, Castelo Branco e Alencar exploraram as contradições e complexidades da feminilidade, trazendo à tona questões como o poder da mulher na sociedade, a busca da liberdade e a luta por autonomia. Essas personagens influenciaram significativamente o panorama literário da época, abrindo caminho para uma representação mais realista das mulheres na literatura do século XIX.

É nesse sentido que começamos a pensar nossa comparação entre suas obras, levando em consideração aquilo que pontua Tânia Franco Carvalhal (2006, p.8) em seu célebre compêndio sobre o método comparatista nos estudos literários:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim.

A literatura comparada utiliza a comparação como um recurso analítico e interpretativo para explorar e interpretar obras literárias de maneira mais profunda e eficaz, e não como um fim em si mesmo. Ao aplicar essa abordagem às obras *Lucíola* e *A Neta do Arcediago*, podemos analisar como cada texto aborda temas como a posição social da mulher e as críticas à sociedade do seu tempo. A comparação

entre as duas obras permite uma exploração mais rica dos contextos históricos e das críticas sociais presentes em cada uma, revelando como as diferentes abordagens e estilos dos autores contribuem para a formação de seus argumentos. Assim, a comparação serve para iluminar aspectos distintos e comuns das obras, ampliando nossa compreensão dos temas e das técnicas literárias empregadas.

As interpretações de *A neta do arcediogo* e de *Lucíola* têm como foco principal a construção de personagens femininas fortes que desafiam os padrões do romantismo e da sociedade do século XIX atravessando o perfil feminino presente nesta época. Será explorado como essas personagens influenciaram o panorama literário, rompendo com as idealizações tradicionais e apresentando uma visão mais complexa da feminilidade.

Liberata, libertina, liberdade

Liberata era uma mulher orgulhosa, corajosa, que desafiava as normas sociais. Tinha controle sobre a própria vida, a sexualidade e seu sustento, algo que era reprimido naquela época para as mulheres.

O narrador revela esforço para não redimir essa prostituta, mesmo sendo o arquétipo da época baseado em Maria Madalena, que foi perdoada através de um encontro com Cristo, a personagem foi descrita como uma pagã indigna de felicidade ou amor: “[...] hoje é moda regenerar, em romances, estas mulheres. A imaginação, cansada de reduzir a virtude ao crime, trata de fecundar a virtude no alcouce. Em quanto a mim, as Liberatas não se regeneram.” (Castelo Branco, 1926, p. 30). Vê-se, aqui, o narrador expressando sua visão crítica em relação à tendência em regenerar mulheres prostitutas e argumentando que a imaginação, exausta pela tentativa de representar a virtude apenas em contraste com o crime, busca fertilizar a virtude no contexto da prostituição. Para o narrador, as prostitutas não se regeneram, sugerindo uma perspectiva pessimista em relação à possibilidade de redenção dessas mulheres. Porém, ao descrever as atitudes e escolhas de Liberata diante das adversidades, o efeito reverso é evidente porque ela se torna uma heroína romântica autêntica.

Em seu nome já está a associação de muitas das suas características: Liberata, livre e libertina, derivadas da mesma raiz etimológica “liber”. Ser “livre” significaria ter autonomia e autodeterminação, enquanto “libertina” refere-se à entrega excessiva aos prazeres sexuais, desafiando os preceitos sociais. No entanto, na sociedade portuguesa do século XIX, uma mulher livre sem compromisso com as normas era vista como libertina. Camilo ironicamente representa a vida que a personagem levaria: vivendo na liberalidade, desafiando convenções e utilizando a filosofia como meio de negar o que não deseja. Liberata se rebela contra as regras impostas pela sociedade e cria suas próprias para resistir à submissão às normas.

Liberata, apesar de só viver a experiência amorosa nos encontros com seu par romântico, não sofria com a falta de Luiz da Cunha, nem o desejava a todo custo. Pelo contrário, encontrava prazer na vida luxuosa que seus amantes lhe proporcionavam, rompendo com o esperado no romantismo do século XIX.

A personagem percebe os efeitos negativos da pobreza, velhice e embriaguez em sua vida, assumindo para Luiz que sua condição é irreversível. No entanto, mesmo sabendo disso, Luiz a acolhe e eles voltam a viver juntos. Em apenas dez dias, a aparência pesada de Liberata muda completamente; em um mês vivendo com seu amor, ela recupera totalmente seu ânimo. Assim, Liberata recupera o vigor emocional característico do herói romântico, dotando-a de energia para superar barreiras e dificuldades.

A relação entre Liberata e Luiz transcendeu as convenções sociais e preconceitos da época. Apesar de a sociedade rotular Liberata como uma prostituta, o amor genuíno que eles compartilhavam era inegável. Suas atitudes e palavras revelavam uma conexão profunda e sincera, desafiando as expectativas impostas pela sociedade. Através desse relacionamento, Camilo Castelo Branco explorou a força daquilo que seria o amor verdadeiro, independentemente das circunstâncias externas, e questionou os padrões morais e sociais que limitavam a expressão do afeto entre duas pessoas.

A trajetória de Liberata na narrativa foi construída de modo a transformá-la de uma libertina em uma heroína romântica, sem, necessariamente, chocar os moralistas. No entanto, o final trágico da personagem, revelando sua morte, segue as expectativas da época para aqueles que desafiavam as convenções sociais.

No desfecho da história, mesmo sendo elogiada como “corajosa” pelo narrador, Liberata é atingida por um tiro ao tentar fugir com Luiz de Cunha após uma tentativa frustrada de roubo de tecidos finos. Por suas transgressões, Liberata morre vestida como um bandoleiro, sem oportunidade de redenção, punida com a morte pelos atos libertinosos.

Lúcia, lúcida, luz

Lúcia, protagonista do romance *Lucíola* de José de Alencar, desempenha um papel intrigante na sociedade brasileira do século XIX. Desafiando as expectativas e convenções impostas às mulheres da época, rompe com a idealização da personagem romântica feminina em diversos aspectos, apesar da busca de uma redenção para os conceitos de mulher de sua época e por seu desfecho trágico, não deixando as características românticas totalmente de lado e, sendo assim, uma heroína a sua maneira.

A personagem é apresentada por Paulo, narrador-personagem, jovem advogado, que é interesse romântico de Lúcia enquanto prostituta, profissão esta que a coloca à margem da sociedade. Bela, sedutora, inteligente, inebriante de cabelos negros,

órfã com apenas dezenove anos, desperta o interesse do rapaz, desenvolvendo uma relação entre eles marcada por um amor intenso, mas principalmente por conflitos e desafios, além de uma relação de submissão não somente de Lúcia, mas também fortemente de Paulo.

[...] Paulo apresenta um comportamento paradoxal. Há momentos em que ele deseja possuir Lúcia de uma forma violenta e há outros em que promete respeitá-la; às vezes ofende-a e logo depois suplica-lhe perdão. Ele vê em Lúcia uma prostituta refinada e, ao mesmo tempo, uma menina de quinze anos, pura e cândida (Fernandes, 2009, p. 28).

Lúcia confronta Paulo sobre seus pensamentos em torno de sua profissão e estilo de vida, fazendo-o questionar seus próprios preconceitos sociais e morais ao desafiar sua visão idealizada do amor e relacionamentos. Lúcia mostra a Paulo que o amor verdadeiro pode existir além das convenções sociais e que a felicidade pode ser encontrada mesmo em meio à marginalização social. Apesar de, por vezes, se mostrar submissa a ele, a personagem o questiona e é resistente sobre seu estilo de vida.

Paulo e Lúcia são, portanto, representações de uma época, figuras socioliterárias que expressam a visão de Alencar sobre a figura da prostituta no século XIX. Assim como Lúcia, as prostitutas são mulheres fortes, pois vivenciam a todo momento preconceitos e mais preconceitos e a sociedade, por sua vez, é incapaz de se solidarizar com o seu drama. Lucíola é, portanto, uma denúncia à mesquinhez da sociedade que julga as prostitutas como mulheres impuras, mas delas usufruem em benefício próprio, continuando a sustentar a classe, no momento em que são pagas pelos “serviços prestados” (Fernandes, 2009, p. 44).

Ao longo do romance, Lúcia passa por uma jornada de redenção e transformação pessoal. Ela busca uma vida melhor para si mesma, além das limitações impostas pela sociedade. Essa busca por autonomia e felicidade a coloca em conflito com as expectativas da sociedade conservadora, mas também a torna uma personagem complexa, há uma dualidade entre a submissão a Paulo e toda sua independência, mostrando-se sempre mais forte que seu par romântico e colocando seus desejos à frente das vontades de Paulo com racionalidade.

A desidealização da personagem feminina romântica se manifesta em Lúcia por suas características principais: mulher independente, que tem controle sobre sua própria vida e decisões e não se encaixa nos padrões tradicionais de pureza e virtude femininas, desafiando as expectativas impostas pela sociedade conservadora da época. Busca sua própria felicidade, mesmo enfrentando a marginalização social. Sua relação com Paulo questiona os valores morais e sociais da época. Lúcia é uma

personagem que representa a força e a determinação das mulheres em busca de sua própria realização, mesmo em uma sociedade com pensamento tão limitantes em relação ao poder feminino.

Uma leitura comparativa

Tânia Franco Carvalhal (2006), em *Literatura Comparada*, destaca que a comparação é um método fundamental para a estruturação do pensamento e da cultura, sendo amplamente utilizado em várias áreas do conhecimento e na linguagem cotidiana. No contexto da literatura comparada, aplicar essa abordagem às obras *Lúcia* e *A Neta do Arcediago* visa identificar e explorar como cada texto constrói personagens femininas fortes e que desafiam os padrões do romantismo e da sociedade do século XIX. A análise comparativa desses romances permite uma compreensão mais profunda das representações de mulheres que rompem com as normas estabelecidas, revelando como os autores de cada obra abordam questões de gênero e sociedade de maneiras inovadoras e críticas.

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso (Carvalhal, 2006, p. 7).

Partindo de Antonio Candido (2007, p.64) em “A personagem do romance”, o romance, de modo geral, pode

[...] tratar as personagens de dois modos principais: 1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.

Nesse sentido, podemos dizer que Libertada e Lúcia são personagens complexas, com certo tom de mistério que vai se desenrolando e proporcionando uma aproximação ao leitor. Ambas apresentam traços fortes e características de mulheres autênticas que, apesar de viverem à margem da sociedade, são bem resolvidas e independentes. Assim, ocorre uma espécie de desidealização da personagem feminina dentro desses romances, ambas vão na contramão da idealização de uma mulher virtuosa, doce e pura.

As características das personagens femininas no romantismo são analisadas à luz de sua complexidade psicológica e social. Candido destaca que, embora as

heroínas românticas possam inicialmente incorporar a idealização da pureza e da beleza, elas também são moldadas por um contexto de conflitos com as normas sociais, paixões intensas e busca por autonomia. Essas personagens muitas vezes enfrentam tragédias, doenças e dilemas morais, refletindo um anseio romântico pela redenção e pelo amor redentor. Algo que acontece com ambas as personagens deste estudo, em seu último suspiro, Liberta se declara para Cunha:

Salvaste-me, Luiz. Morro contente assim: [...] Tu tirasteme da morte da alma, e eu quiz defender-te da morte do corpo. [...] É um bom fim o meu! As mulheres virtuosas... raras são as que assim morrem... Se me não encontrasses perdida de todo, não poderias nada sobre mim... Fogem-me os sentidos, Luiz... É a vida... Deixa-me expirar bem perto do teu coração... Como é bom morrer-se com o perfeito juízo para se conhecer a pessoa que se deixa... com tanta saudade.. Que dôr!... o peor é deixar- te pobre... e... só... no mundo. Liberata expirou. (Castelo Branco, 1926, p. 209).

Bem como Lúcia para Paulo:

Tu me purificaste ungingo-me com teus lábios. Tu me santificastes com o teu primeiro olhar! Nesse momento Deus sorriu, e o consórcio de nossas almas se fez no seio do Criador. Fui tua esposa no céu! E, contudo, essa palavra divina do amor, minha boca não a devia profanar, enquanto viva. Ela será meu último suspiro. [...] Recebe-me... Paulo!... (Alencar, 2006, p. 158)

Esses trechos deixam o romantismo em evidência, mas sem abdicar de desvelar a riqueza das personagens femininas no período literário, indo além dos estereótipos, explorando o desempenho de papéis cruciais na construção das tramas e na reflexão sobre as tensões sociais e emocionais do período.

Ainda de acordo com Candido, destacamos a capacidade de José de Alencar em representar, de forma individual e realista, a diversidade social e cultural do país através de suas personagens. Sobre Camilo Castelo Branco, podemos dizer que sua marca estilística é a profundidade psicológica das personagens, abordando temas como amor trágico, conflitos sociais e críticas à sociedade da época, ou seja, José de Alencar e Camilo Castelo Branco escrevem, em paralelo, o cenário de seus respectivos países, ambientando seus romances urbanos nas maiores cidades de Portugal e Brasil.

Em *História concisa da literatura brasileira* de Alfredo Bosi (2006, p.137), é apresentada uma visão precisa de José de Alencar sobre a temática em *Lucíola* e que, do nosso ponto de vista, faz perfeito diálogo com o Camilo Castelo Branco em *A neta do Arcediago*:

Alencar, cioso da própria liberdade, navega feliz nas águas do remoto e do longínquo. É sempre com menoscabo ou surda irritação que olha o presente, o progresso, “a vida em sociedade”; e quando se detém no juízo da civilização, é para deplorar a pouquidade das relações cortesãs, sujeitas ao Moloc do dinheiro. Daí o mordente de suas melhores páginas dedicadas aos costumes burgueses em *Senhora e Lucíola*.

Ambas as obras aqui analisadas manifestam com desprezo ou uma certa irritação oculta, um olhar para o presente, o progresso e a vida em sociedade, em um lamento a superficialidade das relações cortesãs, submetidas ao poder do dinheiro. Liberata e Lúcia desfrutam da liberdade, mas buscam por uma redenção.

Nas sociedades portuguesa e brasileira do século XIX, profundamente permeadas por visões machistas, as estruturas patriarcais resistiam em conceder espaço e dignidade à classe das prostitutas, impondo sobre elas um estigma social e um desprezo generalizado – além, claro, de todo o julgamento moral advindo, em parte, do religiosismo católico. Essas mulheres enfrentavam uma perseguição implacável, sujeitas a punições severas e encarceramento pelas autoridades policiais. Frequentemente, eram exiladas para locais remotos e desolados, privadas de sua identidade e negadas quaisquer oportunidades de reabilitação. Curiosamente, por outro lado, as prostitutas eram consideradas por muitos como uma necessidade inconveniente, pois satisfaziam os desejos sexuais de homens que, paradoxalmente, ocupavam posições de destaque como chefes de família e defendiam publicamente uma postura moralista. Esses homens buscavam secretamente saciar seus prazeres pessoais com as prostitutas, revelando uma hipocrisia moral que contrastava com suas aparências virtuosas.

A inclusão de mulheres prostitutas como protagonistas nas obras literárias de Camilo Castelo Branco e José de Alencar durante o período do Romantismo no século XIX foi de extrema importância para a literatura em língua portuguesa. Ao representar essas personagens em papéis centrais, os autores desafiaram as convenções sociais e exploraram temas tabus, como a sexualidade feminina e a marginalização social das prostitutas. Essa abordagem ousada permitiu uma reflexão crítica sobre as normas morais e os estereótipos de gênero da época, ampliando os horizontes da literatura e fornecendo uma visão mais realista e humanizada das experiências femininas. Além disso, ao dar espaço às vozes das prostitutas, Castelo Branco e Alencar contribuíram para a quebra de estigmas e para a promoção da empatia e compreensão em relação a essas mulheres, desafiando o status quo e abrindo caminho para uma representação mais diversa e inclusiva na literatura.

Liberata carrega em seu nome sua maior característica e desejo: a liberdade, mas com alusão à palavra “libertinagem”. Já Lúcia, que na verdade se chama Maria da Glória, atribui ao nome escolhido luz, iluminando todos ao seu redor, por ser doce, porém sedutora – o que remete ao pecado assimilado ao nome de Lúcifer,

também feito de luz. As personagens levam no nome uma premissa do que serão no romance, trabalhando a ambiguidade de suas histórias.

Simone de Beauvoir (2012, p.9) em *O segundo sexo*, explora questões relacionadas à opressão de gênero, à busca por liberdade e autonomia, e ao enfrentamento das normas sociais que limitam as mulheres: “Não se nasce mulher: torna-se mulher” através de influências sociais, culturais e históricas. Ser mulher é uma construção social, portanto. Tal ideia se encaixa, principalmente, em Lúcia, que teve seu destino conduzido pelos eventos que aconteceram em sua vida de forma inesperada, sempre direcionadas por um homem, inicialmente por seu pai, que posteriormente a renegou, e por fim, Paulo. Lúcia torna-se uma personagem muito complexa por não sabermos distinguir com exatidão o que é feito por seu próprio desejo e o que é feito para agradar seu par romântico, mas por conseguir que Paulo fosse submisso às vontades dela: “O que ela exigiria de mim que eu não fizesse para vê-la feliz do seu desejo satisfeito?” (Alencar, 1962, p. 153)

Tanto a personagem de Camilo Castelo Branco quanto a de José de Alencar não fogem das características do romance: buscam redenção e acabam morrendo tragicamente, mas rompem barreiras ao serem apresentadas como mulheres fortes, heroínas à sua maneira e não como objetos para a sociedade. A trama que as envolve é bem desenvolvida e cativante, aproximando o leitor e fazendo com que desenvolva-se a compreensão pela vida que levam e desafiando uma sociedade conservadora a descobrir o poder do feminino.

Considerações finais

Camilo Castelo Branco e José de Alencar são importantes escritores do romantismo português e brasileiro, respectivamente. Suas obras apresentam personagens femininas complexas e independentes, em contraste com a idealização tradicional da mulher virtuosa. Tanto Liberata quanto Lúcia exploram a busca de liberdade e redenção, abordando conflitos sociais e emocionais. Essas personagens desafiam as normas sociais da época e são representadas como heroínas em suas próprias histórias.

No contexto da época, as obras de Camilo Castelo Branco e José de Alencar trazem uma abordagem inovadora em relação às personagens femininas. Em vez de relatá-las como figuras idealizadas, puras e submissas, os autores exploram a complexidade psicológica e social dessas mulheres, enveredando-se, inclusive, nos caminhos que, à época, eram vistos como de imoralidade. Ao fazê-lo, eles desafiam os padrões convencionais de comportamento e moralidade, revelando a luta interna e as nuances das personagens que buscam a liberdade e a autoafirmação. Esse tratamento das personagens femininas não só enriquece a narrativa literária, mas também oferece uma crítica profunda à sociedade patriarcal e às suas limitações.

Liberata e Lúcia são personagens apresentadas como mulheres autênticas, independentes e bem resolvidas, mesmo vivendo à margem da sociedade. Elas não se encaixam no estereótipo da mulher virtuosa, doce e pura, desafiando as convenções sociais da época com suas personalidades fortes e decisões ousadas. Essas figuras femininas representam uma crítica ao ideal de submissão e pureza imposto às mulheres, mostrando que a força e a complexidade das mulheres podem existir além dos limites impostos pela sociedade tradicional. Assim, suas histórias servem como um poderoso reflexo das tensões entre os valores conservadores e a busca por uma identidade feminina mais autêntica e independente.

Ambas as personagens carregam traços fortes e características marcantes, envoltas em certo mistério que gradualmente se desenrola ao longo das narrativas. Elas enfrentam conflitos com as normas sociais, buscam autonomia e são movidas por paixões intensas. Além disso, enfrentam tragédias, doenças e dilemas morais, refletindo o anseio romântico por redenção e amor redentor.

É interessante notar que tanto Camilo Castelo Branco quanto José de Alencar apresentam um olhar crítico em relação ao presente, ao progresso e à vida em sociedade. Suas obras revelam um desprezo ou uma irritação oculta em relação à superficialidade das relações cortesãs dominadas pelo poder do dinheiro, expondo as hipocrisias e os conflitos internos que essas dinâmicas geram. Ao desvelar as nuances e as contradições da sociedade, os autores não apenas criticam a superficialidade das relações sociais, mas também refletem sobre a busca de valores mais autênticos e a complexidade das escolhas humanas em um mundo em transformação.

Os nomes das personagens também possuem significados simbólicos. “Liberata” remete à liberdade, mas também faz alusão à palavra “libertinagem”, sugerindo uma ambiguidade em sua história. Por outro lado, “Lúcia”, cujo nome verdadeiro é Maria da Glória, traz a ideia de iluminação e doçura, mas também de sedução e pecado, ao aproximarmos o nome Lúcifer do seu. A dualidade nos nomes das personagens reflete a complexidade de suas histórias.

Em suma, as obras de Camilo Castelo Branco e José de Alencar no contexto do romantismo português e brasileiro rompem com a idealização da personagem feminina, apresentando mulheres fortes, complexas e heroínas à sua maneira. Ao retratar essas mulheres como figuras multifacetadas e resilientes, os autores não apenas ampliam a visão sobre o papel das mulheres na literatura, mas também criam uma reflexão profunda sobre o status quo social. As tramas envolventes e cativantes aproximam o leitor dessas personagens, desafiando uma sociedade conservadora a reconhecer o poder do feminino e a compreender as vidas que elas levam. Assim, as obras contribuem para uma mudança de paradigma, promovendo uma maior valorização da individualidade feminina e questionando os padrões estabelecidos do gênero e da moralidade.

RIBEIRO, G. M. S. C; SENIBALDI, M.E. The Deidealization of the Female Romantic Character in Camilo Castelo Branco and José de Alencar. **Itinerários**, Araraquara, n. 59, v. 1, p. 141-153, jul./dez, 2024.

■ **ABSTRACT:** *This paper aims to present points of contact between the works *A neta do arcediogo*, published by Camilo Castelo Branco in 1860, and *Lucíola*, published by José de Alencar in 1862, verifying the way in which strong female characters were constructed that were outside the norm of romanticism and 19th century society. *Liberata*, by Camilo Castelo Branco, and *Lúcia*, by José de Alencar, are presented as prostitutes set in Lisbon and Rio de Janeiro, respectively. Both go against the romantic idealization of femininity, being described as masters of their own will and, despite the marginalization suffered by their social position, establishing their own principles and morals of life. For this comparative reading, we took as theoretical basis: a) studies on comparative literature, such as *A literatura comparativa*, by Tânia Carvalhal; b) critical texts about the authors and their places in the literary history of Brazil and Portugal, based on the *Concise History of Brazilian Literature*, by Alfredo Bosi (2006) and the *History of Portuguese Literature*, by António Saraiva and Óscar Lopes (1982); c) readings that allow us to reflect on the construction of female characters, such as *The Character of the Romance*, by Antonio Candido (2007) and *The Second Sex*, by Simone de Beauvoir (2012).*

■ **KEYWORDS:** *Camilo Castelo Branco. José de Alencar. Deidealization. Romantic Character.*

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. **Lucíola**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Alfredo. **O romantismo**. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 40ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 91-162.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed., revista e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CASTELO BRANCO, Camilo. **A neta do arcediogo**. 7. ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1926.

FERNANDES, Alcinda Lima dos Anjos. **As mulheres em José de Alencar: Lucíola e Senhora**. Disponível em: <<http://pdf.thepdfportal.net/?id=363335>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Apresentação e notas de Ivan Teixeira; glossário de Gerson de Souza; ilustrações de Kaio Romero. Cotia: Ateliê, 2012.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 12^aed. Porto: Porto Editora, 1982.

